

## **Construção e Validação da Escala de Vivência do Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS)<sup>1</sup>**

### *Construction and Validation of the Affectional-Sexual Racism Experience Scale (EVRAS)*

Hênio dos Santos Rodrigues<sup>2</sup>, Marcus Eugênio Oliveira Lima<sup>2</sup>, Elder Cerqueira-Santos<sup>2</sup>, Mozer de Miranda Ramos<sup>2</sup>, Kaline Silva Lima<sup>3</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste estudo foi desenvolver e validar a Escala de Vivência do Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS) por meio de métodos científicos. Uma pesquisa online foi conduzida com a participação de 446 indivíduos autodeclarados pretos, em sua maioria mulheres (75,3%), com idade superior a 18 anos. Além dos dados coletados pela EVRAS, foram extraídos índices de autoestima (EAR), satisfação corporal (ESSC) e saúde mental (K10). Os resultados revelaram um modelo trifatorial com ajuste adequado e ítems com cargas fatoriais apropriadas. Foram encontradas consistências internas satisfatórias para os fatores: Preterição Afetivo-Sexual ( $\omega = 0,92$ ), Objetificação Racial ( $\omega = 0,91$ ) e Encobrimento ( $\omega = 0,92$ ). Evidências de validade de critério foram obtidas por meio de correlações entre as pontuações da EVRAS e os demais instrumentos utilizados. Portanto, a EVRAS é um instrumento válido para medir os níveis de racismo Afetivo-sexual no contexto brasileiro, o que contribui para a ampliação da pesquisa nessa área.

**Palavras-chave:** Racismo, Racismo Afetivo-Sexual, Escala, Construção, Validação.

**ABSTRACT:** The aim was to develop and validate the Affective-Sexual Racism Experience Scale (EVRAS) using scientific methods. An online survey was conducted with 446 self-identified Black individuals, mostly women (75.3%), aged over 18 years. In addition to EVRAS, indices of self-esteem (EAR), body satisfaction (ESSC), and mental health (K10) were assessed. The results revealed a three-factor model with adequate fit and appropriate factor loadings. Satisfactory internal consistencies were found for the factors: Affective-Sexual Preterition ( $\omega = 0.92$ ), Racial Objectification ( $\omega$

---

<sup>1</sup> Os autores gostariam de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo seu apoio financeiro.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS)

<sup>3</sup> Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

= 0.91), and Concealment ( $\omega = 0.92$ ). Criterion validity evidence was obtained through correlations between EVRAS scores and the other instruments used. Therefore, EVRAS is a valid instrument for measuring affective-sexual racism levels in the Brazilian context, contributing to further research in this area.

**Keywords:** Racism, Affective-Sexual Racism, Scale, Construction, Validation

### Introdução

O racismo brasileiro se apresenta como um fenômeno denso, fugidio e de caráter obnubilado, ou seja, de difícil apreensão. Ele se escamoteia e se concebe como um potente mecanismo de controle, poder e exclusão, que estrutura e reverbera nas mais diversificadas relações (Almeida, 2019; Dovidio et al., 2010; Hoyt Jr, 2012). Desde o advento da diáspora, a vida de pessoas pretas no Brasil tem sido aviltada pelo racismo, sendo alvo de uma gama de privações e interditos, seja em nível macro ou microsocial (Zamora, 2012). Tais privações vão desde o acesso aos direitos básicos, expressividade política e social, como também impactam nas esferas mais íntimas das nossas vidas, como nos relacionamentos afetivos e sexuais (Lima et al., 2022; Rodrigues, 2021).

A pesquisa e medição do racismo, seus efeitos deletérios e suas diversas facetas no contexto brasileiro constituem uma empreitada permeada por uma série de desafios e complexidades. Este desafio se deve, principalmente, à persistente negação do racismo (Guimarães, 1999), que, em conjunto com o mito da democracia racial (Domingues, 2004; Freyre, 1933), cria um cenário singular para a realidade racial brasileira. Além disso, essas ideologias influenciam as manifestações do racismo (Lima & Vala, 2004) e moldam as dinâmicas raciais brasileiras, permeadas pelos processos de miscigenação e do colorismo (Mizael et al., 2021), aspectos que por sua vez propiciam maior ou menor grau de passabilidade calcando-se no tom da pele.

Quando se busca aferir os efeitos danosos do racismo nas dinâmicas afetivas e sexuais, desafios mais complexos são encontrados, posto que essas relações são revestidas por um código moral particular que imputa a essas o status de privadas e “impenetráveis”, onde alegadamente não existe espaço para racismo. Afinal, relacionar-se com pessoas pretas ou brancas é tratado como uma questão de preferência ou “de gosto”. Contudo, tal discurso se mostra uma tentativa ideológica de manter o *status quo*, impulsionando a impossibilidade de denunciar um tipo específico de racismo que incide sobre as relações íntimas - o racismo afetivo-sexual (Callander et al., 2015; Thai et al., 2019).

Esse tipo de racismo está calcado no ato de selecionar, “preferir”, se engajar em relacionamentos afetivos e sexuais, levando em consideração a cor da pele ou etnia da pessoa. Na prática, indivíduos que não atendem aos padrões eurocêntricos, são preteridos de forma mais expressiva (Callander et al., 2015) ou fetichizados. Segundo Callander et al. (2015) o racismo sexual se define como:

A discriminação entre potenciais parceiros sexuais ou românticos com base na identidade racial. O “racismo sexual” é popularmente empregado na mídia e em contextos de pesquisa como um atalho para a discriminação racial entre parceiros sexuais ou românticos. Há controvérsia, no entanto, sobre se este é um rótulo apropriado quando se trata de entender algo tão complexo e pessoal quanto o desejo (p. 1991).

No Brasil, esse tipo de racismo se expressa de formas distintas, não somente incidindo sobre a vida sexual propriamente dita, mas também no campo dos afetos (e.g. amor romântico) – portanto decidiu-se modificar a nomenclatura do fenômeno posto que, no nosso contexto, observa-se que o amor e o sexo se dissociam na nossa singular

lógica afetiva e sexual, ou seja, amor e sexo não são equivalentes. Enquanto o sexo se encontra no âmbito profano, o amor representa o sacro (Fontes & Pacheco, 2022).

Um aforisma nos permite vislumbrar qual o lugar dos corpos brancos e não-brancos nas dinâmicas afetivas/amorosas e sexuais no Brasil, este que pode ser considerado o epítome do racismo afetivo-sexual brasileiro: “*branca para casar, ‘mulata’ para transar e preta para trabalhar*”. Essa frase propicia a discussão de como a tonalidade da pele é um fator que influencia um relacionamento afetivo, mais duradouro, ou sexual, mais furtivo. Ou seja, pessoas brancas deveriam ser esposadas, apresentadas à família, sendo vistas como seres cândidos; já pessoas não-brancas são vistas como potenciais “amantes”, corpos tidos para o sexo e associadas ao pecado, sendo objetificadas, animalizadas e hipersexualizadas em demasia. Seriam, portanto, corpos que devem ser “amados” às escuras, na surdina, jamais vistos como dignos de afetos profícuos (Cruz, 2020; Pacheco, 2013) ou nem mesmo para esse tipo de dinâmica relacional.

As relações representadas pelo aforismo acima seguem a lógica da manutenção da “pureza de sangue e da raça”, sendo assim imputadas uma série de interditos de ordem sexual, desenvolvendo uma política de articulação entre sexo e o casamento somente entre “semelhantes” (Moutinho, 2004). Ou seja, nessa interação não existe nem o vislumbre da relação sexual com pessoas pretas de forma aberta seria possível, sendo incentivado um acobertamento desse envolvimento. Esse escamoteamento das relações com pessoas pretas é tido como um dos componentes dessa expressão da possível variante do racismo no Brasil - o racismo afetivo-sexual. Observa-se ainda que o fenômeno pode se intercalar com outros como: a objetificação, hipersexualização e despersonalização de corpos não-brancos, o que lhe confere um caráter mais insidioso.

O racismo afetivo-sexual e afetivo vem sendo amplamente estudado desde meados dos anos 1960 nos Estados Unidos, Austrália e países onde a segregação racial se apresenta em sua forma mais flagrante (Bhambhani et al., 2019; Callander et al., 2015; Plummer, 2007; Thai et al., 2019). No Brasil uma gama de estudos intercalando sexualidade, afeto e raça – principalmente nas ciências sociais – visa debater o impacto do racismo nas esferas mais íntimas das vidas de pessoas não-brancas e brancas que ocorre pautando-se na sutileza da “questão de gosto” (Moutinho, 2004; Pacheco, 2013; Paranhos & Nery, 2020; Pereira et al., 2019; Pinho, 2008; Simões et al., 2010), contudo, empiricamente incipiente e sem trazer à baila os impactos psicológicos dessa relação.

No contexto da psicologia brasileira, o estudo de Lima et al. (2022) abre a discussão teórica e empírica do fenômeno interseccionando com estereótipos, padrões de beleza e sua intercalação com a lógica das preferências no contexto brasileiro, fomentando a existência e impacto do racismo afetivo-sexual nas relações íntimas. Diante da expressiva lacuna e escassez acerca do debate científico sobre o racismo afetivo-sexual, o movimento de produção de ferramentas para mensurar esse tipo de racismo no Brasil é premente. Aferir e analisar os efeitos deletérios do racismo afetivo-sexual sobre os corpos, observar sua operacionalização e intersecções, propicia a discussão crítica de uma esfera que ainda é posta como tabu. No cenário internacional, verifica-se uma variedade de estudos que intercalam a expressão do racismo afetivo-sexual como contribuinte para o desenvolvimento de danos à saúde mental de pessoas não-brancas - seus impactos na imagem corporal (Bhambhani et al., 2019), baixa autoestima e satisfação com a vida (Plummer, 2007; Thai, 2020), saúde mental geral (Hidalgo et al., 2020; Wade & Pear, 2022).

Destarte, é urgente realizar percurso semelhante, tentando observar o funcionamento do racismo afetivo-sexual e os seus possíveis impactos na saúde mental

das pessoas em nosso país, e se esse fenômeno se correlaciona com variáveis psicológicas, tais quais os estudos anteriores. Contudo, os estudos supracitados foram realizados em suma com homens gays, bissexuais e Homens que fazem Sexo com Homens (HSHs), necessitando de maiores evidências acerca da operacionalização do racismo afetivo e sexual em grupos menos estratificados.

Sendo assim, uma medida de racismo afetivo-sexual se faz necessária para compreender o impacto desse fenômeno no contexto brasileiro, permitindo o levantamento de evidências empíricas acerca do tema. A mensuração do racismo afetivo-sexual possibilitaria conhecer e teorizar sobre diferentes dimensões que podem compor esse construto, operacionalizá-lo em termos de comportamento. Além disso, um instrumento viabilizaria estudos exploratórios sobre os efeitos nocivos do racismo afetivo-sexual, por meio de estudos correlacionais.

Diante das análises de materiais e dados produzidos acerca desse tipo de racismo e de fenômenos semelhantes, seja nacionalmente ou internacionalmente, observa-se nesse fenômeno um *modus operandi* - que necessita ser explorado teórica e empiricamente (Callander et al., 2015; Han & Choi, 2018; Hordge-Freeman, 2015; Lima et al., 2022; Moutinho, 2004; Pacheco, 2013; Pinho, 2008; Plumer, 2007; Rodrigues, 2021; Thai, 2020). É possível asseverar que o racismo afetivo-sexual opera com o auxílio de outros fenômenos de exclusão (e.g. objetificação, hipersexualização, demonização, despersonalização), se alicerça em lógicas de que visam depauperar ou subtrair a possibilidade uma vivência afetiva e /ou sexual positiva de pessoas pretas [e.g. preterir pessoas pretas ou acobertar relacionamentos com estes] (Lima et al., 2022; Rodrigues, 2021; Pacheco, 2013).

Portanto, se fez necessário buscar materiais que versassem sobre racismo, afetividade e sexualidade que abarcasse nossa realidade (Moutinho 2004; Pacheco,

2013; Pinho, 2008) para que assim o instrumento pudesse contemplar com primazia o objeto de estudo. Também buscou-se levantar informações acerca de instrumentos produzidos no cenário nacional e internacional, que visam aferir o racismo afetivo-sexual, e foi detectado que até meados de 2023 nenhuma escala mensurando o racismo em nível sexual e afetivo de maneira generalista havia sido concebida no Brasil e em outra localidade. No entanto, quando se enfoca em grupos minoritários específicos (e.g. homens gays, bissexuais e HSHs) foram encontradas duas escalas (Bhambhani et al., 2021; Wade & Harper, 2021). Nesses materiais, o racismo afetivo-sexual surge ancorado em processos de preterimento, exclusão, acobertamento de relações íntimas com pessoas pretas e objetificação dos corpos das mesmas.

Em estudo realizado por Lima et al. (2022), observou-se que o racismo de cunho afetivo e sexual se intercala com o preterimento/exclusão de mulheres não-brancas por homens brancos e não-brancos. Ao entrevistar mulheres negras, Rodrigues (no prelo) observou que quando questionadas sobre suas vivências afetivas e sexuais, estas evocavam massivamente um comportamento incomum dos seus pretendentes - muitos não se sentiam confortáveis em serem vistos com elas em público – tal dado denotou uma tentativa destes homens de acobertar relações com mulheres pretas. Esse tipo de atitude traz à baila a possibilidade de observarmos uma nuance singular do racismo afetivo-sexual - o acobertamento. Esse aspecto surge nos estudos de Moutinho (2004) e Pacheco (2013) como algo inerente à exclusão de corpos pretos da vivência afetiva de forma significativa, imputando a essas pessoas um lugar de subalternidade no “mercado dos afetos”.

Diante do funcionamento das dinâmicas racistas e raciais no Brasil, principalmente no que tange o campo afetivo quando se intercala raça e afetividade, observa-se a operacionalização da objetificação (Fredrickson & Roberts, 1997) dos

corpos dessas pessoas. A objetificação funciona como um mecanismo subjacente ao racismo afetivo-sexual, denotando o quanto esse tipo de racismo se vincula a outros fenômenos para poder se fazer vigente, ou seja, em suas expressões, principalmente no contexto brasileiro, o racismo afetivo-sexual não se efetiva necessariamente no processo do não contato apenas, mas no processo de transformar o corpo do outro (considerado inferior) em coisa, assimilá-lo para só então promover sua exclusão e apagamento. Nesse contexto, a objetificação se vincula ao racismo para se fazer presente no funcionamento do racismo afetivo-sexual.

Para tanto, o desenvolvimento da Escala de Vivência do Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS) objetiva aferir a vivência do racismo afetivo e sexual e propiciar a avaliação cuidadosa dos possíveis impactos do fenômeno na saúde mental – na autoestima, satisfação corporal e a sua configuração promotor de sofrimento psíquico – das pessoas pretas. Além disso, visa-se promover o aprofundamento de tais questões, intercalando com as possíveis nuances que podem ser componentes desse processo de exclusão e sua incidência na vida amorosa e sexual de pessoas pretas, posto que esse sujeito é central na produção de evidências no que tange a sua vivência do racismo afetivo-sexual, trazendo ao cenário dados que possam auxiliar na discussão e ampliação do campo teórico e científico no que se refere à raça, afetividade, sexualidade das pessoas pretas no Brasil.

Com isso, o presente programa de estudos buscou desenvolver e obter evidências de validade da Escala de Vivência de Racismo Afetivo-sexual (EVRAS), um instrumento de autorrelato respondido por pessoas que se declaram pretas. Especificamente, após a construção das afirmativas dos itens objetivou-se: 1) obter evidências de validade de conteúdo; 2) levantar evidências de validade da estrutura interna; 3) verificar evidências de validade de critério (AERA et al., 2014), por meio da

correlação dos escores da EVRAS e outros construtos relacionados teoricamente, sendo estes: autoestima, satisfação corporal e mal-estar psicológico.

### **Método**

A Escala de Vivência de Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS), foi desenvolvida em diferentes etapas. Primeiramente, os itens foram construídos levando em consideração a literatura acadêmica e científica produzida acerca do fenômeno. Após a construção dos itens, a escala foi analisada por especialistas, submetida à avaliação semântica pelo público-alvo e levantamento de dados. Posteriormente, os itens desenvolvidos foram aplicados em uma amostra de pessoas pretas (N = 446) na plataforma online *Question Pro*. As etapas utilizadas seguiram as recomendações de Borsa et al. (2012) serão detalhadas a seguir:

#### **Etapa 1: Construção dos itens**

Os itens da EVRAS foram elaborados a partir de duas etapas: análise da literatura, avaliação de juízes, grupo de discussão e estudo de levantamento.

1. As escalas encontradas (Bhambhani et al., 2021; Wade & Harper, 2021) durante o processo de levantamento de materiais e literaturas acerca do fenômeno serviram como referência para a criação da EVRAS. Esses estudos associam os impactos do racismo afetivo-sexual a um declínio significativo da saúde mental de homens não-brancos gays, bissexuais e HSHs. Tais pontos foram essenciais para se pensar modelos de interação entre o racismo em nível afetivo e sexual como também outros fenômenos. Após a análise dos materiais teóricos e empíricos, 26 itens foram elaborados tendo como base os aspectos mais relevantes inerentes ao fenômeno que trouxesse em sua essência a possibilidade de avaliar a vivência do racismo afetivo-sexual.

2. Ao final da elaboração, os 26 itens foram encaminhados para a etapa de validade de conteúdo realizada por especialistas e população-alvo.

### **Etapa 2: Evidências de Validade de Conteúdo**

Três juízes especialistas foram convidados a avaliar a escala sobre a temática. Os juízes eram psicólogos, especialistas nas áreas da psicologia geral e psicologia social e com expressividade acadêmica na discussão do tema, estes avaliaram os itens e propuseram alterações terminológicas, bem como realizaram ajustes nas escritas objetivando suprimir dubiedades, tornando os itens compreensivos ao público geral. As indicações foram avaliadas e os itens ajustados pelos autores.

Em seguida, o instrumento foi submetido à avaliação por 6 pessoas autodeclaradas negras (público-alvo da escala) para verificar a compreensibilidade dos itens e a percepção acerca da estrutura da escala. No que tange ao gênero, foram 3 mulheres e 3 homens. A média da idade do grupo foi 20,50 anos ( $dp = 2,74$ ). Dentre os participantes, quatro eram solteiros e dois estavam em relacionamentos. Quanto ao nível de escolaridade, todos os seis tinham o ensino superior incompleto, sendo estudantes de graduação de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública.

Os participantes foram escolhidos por conveniência, sendo levado em consideração a cor da pele dos mesmos, bem como, a autodeclaração de pertencer ao grupo racial ao qual a escala se destina. Foram disponibilizados aos mesmos folhas com o instrumento impresso, de modo que um aplicador ficou responsável por ler cada itens aos participantes, sendo questionado se os itens estavam coerentes ou se deveriam sofrer algum tipo de modificação em sua estrutura. Um pesquisador solicitou que, ao preencher o material, os participantes fizessem apontamentos sobre os itens que consideravam dúbios ou incoerentes. Os apontamentos realizados pelos participantes,

tocaram somente em questões referentes à inserção de categorias nos dados sociodemográficos (e.g. budismo, assexuais).

### **Etapa 3: Evidências de Validade da estrutura interna**

#### ***Participantes***

Participaram dessa etapa do estudo 446 indivíduos com idades entre 18 e 67 anos ( $M = 31,6$ ;  $DP = 9,15$ ), sendo majoritariamente do gênero feminino (75,3%), seguido do masculino (22,4%) e não-binários (2,2%). Quanto à orientação sexual, a maioria declarou-se heterossexual (60,5%), seguido de bissexual (24,2%), homossexual (10,8%), enquanto 3,6% são de outras denominações (pansexual, demissexual, greyssexual) e quatro participantes (0,9%) se autodeclararam assexuais. A maioria da amostra afirmou o status de relacionamento solteiro (58,1%), seguido de namorando (11,0%), casado (10,3%), morando juntos (9,4%), divorciados (6,7%), em união estável (4,0%) e dois viúvos (0,4%). Quando questionados acerca da “raça” dos seus parceiros 15,5% afirmaram que tinham relacionamentos com pessoas pretas, 15,5% com pessoas brancas, 4,3% com pessoas “pardas”, 1,3% preferiram não declarar a “raça” do seu parceiro e dois 2 sujeitos se encontravam em relacionamento com pessoas indígenas (0,4%). Quanto à religião, grande parcela afirmou “Não ter religião” (35,9%), seguidos por pessoas pertencentes às religiões de matrizes africanas (22,0%), católicos (16,8%), evangélicos (8,7%), agnósticos/ateus (5,8%), espíritas/kardecistas (4,5%), protestantes (3,6%), além de 12 pessoas pertencentes a outras religiões - Judaísmo, Hinduísmo, Budismo (2,7%). Quanto à escolaridade, boa parte tinha pós-graduação (33,2%), seguidos por aqueles que tinham graduação incompleta (28,9), graduação completa (22,4%), ensino médio completo (11,0%), os que não concluíram ou ainda não chegaram ao ensino médio somaram 4,4%. Quanto à renda, os participantes que assinalaram receber entre dois e três salários mínimos (34,8%) mostraram ter maior

proeminência na amostra. Representantes de todas as cinco regiões participaram da pesquisa, o estado com maior expressividade de respondentes foi São Paulo (23,1%), seguido por Bahia (22,4%), Sergipe (15,5%) e Rio de Janeiro (10,5%).

### ***Instrumentos***

*Escala de Vivência do Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS)*. Desenvolvida neste estudo, a medida foi inicialmente composta por 26 itens, os quais representaram teoricamente três dimensões: 1) Preterimento no cortejo afetivo-sexual (e.g. Em situações de “flerte, paquera” sempre sou o/a último(a) a ser escolhido(a).); 2) Objetificação Racial (e.g. Meus/minhas parceiros(as) sexualizam/vam, em excesso, meu corpo ao falar comigo.) e 3) Acobertamento (e.g. Meus/minhas parceiros(as) não se sentem confortáveis em assumir publicamente nosso relacionamento). Os itens são respondidos por meio de uma escala de concordância tipo Likert de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente). A escala avalia a vivência e impactos do racismo afetivo-sexual em pessoas pretas. Quanto maiores os escores nas dimensões da escala, mais graves são esses impactos na vida dos indivíduos.

*Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)*. A escala refere-se a versão validada por Hutz & Zanon (2011) para a realidade brasileira, sendo composta por 10 itens ( $\alpha = 0,90$ ). O instrumento tem por finalidade avaliar os níveis de autoestima global da população em geral (e.g. Eu acho que eu tenho várias boas qualidades), a partir de uma escala de concordância tipo Likert de quatro pontos (1 = discordo totalmente a 4 = concordo totalmente).

*Escala Situacional de Satisfação Corporal (Hirata & Pilati, 2010)*. A escala de Escala Situacional de Satisfação Corporal (ESSC) avalia o estado de satisfação corporal momentânea em relação às partes do corpo e ao corpo como um todo. O instrumento possui 23 itens divididos em 4 dimensões: 1) insatisfação e gordura ( $\alpha = 0,72$ ; e.g. Sinto

vergonha do meu corpo), 2) partes externas ( $\alpha = 0,82$ ; e.g. Estou satisfeito(a) com o meu rosto), 3) satisfação e músculo ( $\alpha = 0,65$ ; e.g. Gosto do peso que tenho agora) e 4) partes inferiores ( $\alpha = 0,82$ ; e.g. Acho que minhas pernas são muito flácidas). Para cada item, o participante deve responder em uma escala de concordância tipo Likert de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente).

*Escala de Mal-estar Psicológico de Kessler (K10)*. A K10 é composta por 10 itens com formato de resposta Likert de cinco pontos (1 = nunca a 5 = o tempo todo), cuja pontuação varia entre 10 e 50 pontos. A medida tem por objetivo aferir o risco de desenvolvimento de sintomas de ansiedade ou depressão no último mês ( $\alpha = 0,88$ ; e.g. Durante os últimos 30 dias, com que frequência se sentiu sem esperança?).

*Questionário sociodemográfico*. Apresentou questões sobre idade, identificação étnico-racial, gênero, orientação sexual, renda, orientação religiosa, escolaridade, status de relacionamento e localidade geográfica.

### ***Procedimentos***

Os instrumentos supracitados foram aplicados por meio de um formulário de pesquisa online, disponível entre os meses de agosto e outubro de 2022. O tempo médio de conclusão do material foi de 15 minutos. A divulgação da pesquisa se deu via redes sociais (*Facebook, Instagram, Whatsapp e Telegram*). Nessas plataformas, o material foi direcionado para pessoas autodeclaradas pretas das cinco regiões do Brasil, tais como grupos com temáticas destinadas somente a pessoas pretas e com idades variadas; intentando atingir um número apropriado de participantes para a validação da escala foi feita uma postagem patrocinada em páginas de grupos de pesquisa.

Quanto aos aspectos éticos envolvendo os procedimentos, destaca-se que a concretização desta pesquisa ocorreu após emissão do parecer de aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa (nº 5.531.819) assegurando os princípios éticos que

regulamentam a realização de pesquisa com seres humanos, previstos nas resoluções CNS 466/12 e 512/16. Os participantes foram informados dos procedimentos e objetivos da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e só acessaram o questionário online aqueles que declararam concordar com os termos da pesquisa.

### **Análise de dados**

Os dados gerados foram tabulados, revisados e transferidos para os programas estatísticos JASP e SPSS possibilitando a realização das análises estatísticas com o intuito de produzir evidências de validade dos escores da EVRAS e de suas propriedades psicométricas. Em suma, foram realizadas Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) e análises da consistência interna por meio do ômega de McDonald ( $\omega$ ) com objetivo de extrair fatores e avaliar as evidências de estrutura interna da medida. Em seguida, para buscar evidências de validade de critério, por meio de correlações com medidas externas, foram implementadas análises de correlação bivariada entre os escores da EVRAS e de outros construtos psicológicos (EAR, ESSC e K10). Por fim, efetuaram-se análises de comparação de grupos (teste t para amostras independentes e ANOVA unidirecional) para explorar diferenças entre dois ou mais grupos.

## **Resultados**

### **Evidências de validade da estrutura interna**

A AFE foi conduzida utilizando-se como método de extração dos eixos principais, baseada em uma matriz de correlação policórica, considerando a natureza ordinal da escala de resposta. A rotação oblíqua foi usada, do tipo promax, por compreender que as possíveis dimensões do racismo afetivo-sexual estariam correlacionadas. O teste de KMO (0,957) e o teste de esfericidade de Bartlett deu

significativo ( $p < 0,001$ ) indicaram a adequabilidade da amostra e da matriz de correlação para a realização da análise.

A análise paralela e o gráfico de escarpa (ou de sedimentação) confirmaram a expectativa teórica, indicando três fatores para explicar os itens dessa escala. Entretanto, quatro itens precisaram ser retirados (16, 21, 22 e 23) por apresentarem cargas fatoriais baixas quando comparado aos demais itens, ou por apresentarem cargas fatoriais relevantes em mais de um fator (cargas cruzadas) ou por não se associarem aos fatores propostos teoricamente. Ao final, todas as cargas fatoriais variaram entre 0,524 e 0,967, ou seja, acima do recomendado pela literatura, cujas cargas fatoriais mínimas devem ser acima de 0,40.

Os itens e suas cargas fatoriais estão dispostos na Tabela 1. O Fator 1 foi nomeado de Preterimento afetivo-sexual e conta com nove itens, o Fator 2 foi chamado de Objetificação racial e conta com sete itens e o Fator 3 foi designado como Acobertamento, tendo 6 itens.

### **Tabela 1**

*Cargas Fatoriais da Escala de Vivência de Racismo Afetivo-Sexual (EVRAS)*

<b>Itens</b>	<b>Fator 1</b>	<b>Fator 2</b>	<b>Fator 3</b>
1. Em situações de “flerte, paquera” sempre sou o/a último/a a ser escolhido/a.	0,814		
2. Em encontros românticos os meus parceiros/as tendem a me levar para lugares onde não possam ser vistos/as comigo (motel, lugares escuros e/ou com pouca movimentação...).			0,795
3. Os meus pretendentes só fazem contato comigo em horários incomuns ou limitados (poucas horas por dia, de madrugada).			0,756
4. Ao conversar comigo, os/as meus/minhas possíveis pretendentes associam a cor da minha pele a comportamentos sexuais explícitos.		0,778	
5. Meus parceiros/as sexualizam/vam, em excesso, meu corpo ao falar comigo.		0,715	
6. Meus parceiros/as não se sentem confortáveis em			0,789

assumir publicamente nosso relacionamento.			
7. A cor da minha pele é constantemente associada a sexo.		0,899	
8. Se não estiver dentro de determinado tipo físico ou de beleza aceitável pela sociedade, sou excluído/a.	0,689		
9. Meu corpo e/ou minha cor são vistos como algo incomum.		0,590	
10. Por conta da cor da minha pele, meu corpo é visto como um objeto/coisa.		0,844	
11. Em eventos sociais (festas, encontros, boates, shows...) sou escolhido/a como a última opção de paquera.	0,845		
12. Em eventos sociais (festas, encontros, boates, shows...) não desperto o interesse dos demais frequentadores.	0,901		
13. Em aplicativos de relacionamentos/encontros (Tinder, Happn, Grindr, Scruff, Bumble) os demais usuários não se interessam ou pouco se interessam por mim.	0,658		
14. Percebo que não sou considerado/a como parceiro/a para se manter uma relação amorosa duradoura.			0,641
15. Os meus pares me procuram somente ou na maioria das vezes para sexo.			0,756
17. Normalmente possíveis parceiros/as afetivos me tratam somente como amigo/a.	0,524		
18. Meus parceiros/as tinham/tem medo de me apresentar para a família.			0,561
19. Percebo que sou estereotipado/a sexualmente, me veem como máquina de sexo, fegoso/a, dotado; boa de cama, safado/a, da cor do pecado.		0,799	
20. Percebo que estou fora do tipo de beleza visto como ideal.	0,967		
24. A possibilidade de ser amado/a é reduzida por conta da cor da minha pele.	0,605		
25. É mais difícil encontrar parceiros/as sexuais por conta da cor da minha pele.	0,680		
26. Sou reduzido/a a partes do meu corpo. (ex. pênis, bunda, peito, boca).		0,613	
<b>Ômega de Mc Donald</b>	<b>0,925</b>	<b>0,916</b>	<b>0,919</b>

Fonte. Os autores.

O ômega de McDonald da escala geral, referente à consistência interna, foi 0,958. Especificamente, o Fator 1 apresentou 0,925 para os dois índices, o Fator 2, respectivamente, 0,916 e 0,917 e o Fator 3 0,919 e 0,920. O Índice de ajuste do modelo

encontrado pela AFE indicou valor do RMSEA obtido de 0,084 (0,078 – 0,091), indicando ser limítrofe e o TLI foi de 0,919, denotando bom ajuste.

### Evidências de validade de critério

Foi produzida uma matriz de correlação da EVRAS em relação a EAR, a K10 e a ESSC. Os resultados estão dispostos na Tabela 2 e indicam relações no sentido previsto teoricamente, com magnitudes entre pequenas e moderadas.

**Tabela 2**

*Correlações Bivariadas*

	Coeficientes de correlação <i>r</i>			
	EVRAS 1 (Preterimento)	EVRAS 2 (Objetificação)	EVRAS 3 (Acobertamento)	EVRAS (total)
EAR	-0,413 <sup>a</sup>	-0,216 <sup>a</sup>	-0,323 <sup>a</sup>	-0,364 <sup>a</sup>
K10	0,497 <sup>a</sup>	0,404 <sup>a</sup>	0,445 <sup>a</sup>	0,506 <sup>a</sup>
Insatisfação Gordura	0,409 <sup>a</sup>	0,278 <sup>a</sup>	0,311 <sup>a</sup>	0,379 <sup>a</sup>
Satisfação Partes Externas	-0,355 <sup>a</sup>	-0,157 <sup>a</sup>	-0,241 <sup>a</sup>	-0,290 <sup>a</sup>
Satisfação Músculos	-0,409 <sup>a</sup>	-0,208 <sup>a</sup>	-0,223 <sup>a</sup>	-0,326 <sup>a</sup>
Satisfação Partes Inferiores	-0,374 <sup>a</sup>	-0,280 <sup>a</sup>	-0,322 <sup>a</sup>	-0,368 <sup>a</sup>

*Nota.* (a)  $p < 0,05$ .

Fonte. Os autores.

Deste modo, foram encontradas correlações negativas entre as vivências de racismo afetivo-sexual e autoestima e satisfação corporal, bem como correlações positivas entre racismo afetivo-sexual e escores sintomáticos de ansiedade e depressão.

Em relação às comparações quanto às variáveis sociodemográficas, foram encontradas diferenças significativas de pontuação na EVRAS entre homens e mulheres em todos os fatores e no escore geral da escala. Já com relação a heterossexuais e não-

heterossexuais, apenas o Fator Acobertamento apresentou diferenças significativas. Deste modo, evidencia-se maiores impactos do racismo afetivo sexual em mulheres e não heterossexuais (ver Tabela 3).

Avaliou-se também a existência de diferenças entre três grupos: a) possui parceria branca; b) possui parceiro/a não-branco/a; c) e não possui parceiro/a. Uma ANOVA unidirecional com teste post hoc de Games-Howell identificou quais grupos diferiam significativamente. Como resultado, foram encontradas diferenças significativas em todos os Fatores e tamanhos de efeito médios entre os grupos. Especificamente, No Fator de Preterimento [ $F(2, 443) = 14,339; p < 0,001; \eta^2 = 0,061$ ], o grupo *c* ( $m = 32,10; dp = 8,01$ ) se diferenciou dos grupos *a* ( $m = 26,46; dp = 11,03$ ) ( $p < 0,001; \text{Cohen's } d = 0,64$ ) e *b* ( $m = 28,37; dp = 9,01$ ) ( $p < 0,001; \text{Cohen's } d = 0,44$ ). No Fator de Objetificação [ $F(2, 443) = 6,860; p = 0,001; \eta^2 = 0,030$ ], o grupo *c* ( $m = 23,32; dp = 6,78$ ) se diferenciou do grupo *a* ( $m = 19,66; dp = 8,43$ ) ( $p = 0,004; \text{Cohen's } d = 0,51$ ). No Fator Acobertamento [ $F(2, 443) = 22,346; p < 0,001; \eta^2 = 0,092$ ], o grupo *c* ( $m = 19,02; dp = 6,41$ ) se diferenciou dos grupos *a* ( $m = 13,86; dp = 6,97$ ) ( $p < 0,001; \text{Cohen's } d = 0,79$ ) e *b* ( $p < 0,001; \text{Cohen's } d = 0,53$ ). E no somatório geral da escala [ $F(2, 443) = 16,463; p < 0,001; \eta^2 = 0,069$ ], o grupo *c* ( $m = 74,45; dp = 18,40$ ) também se diferenciou dos grupos *a* ( $m = 60,00; dp = 24,17$ ) ( $p < 0,001; \text{Cohen's } d = 0,73$ ) e *b* ( $m = 66,47; dp = 20,37$ ) ( $p < 0,001; \text{Cohen's } d = 0,42$ ). De modo geral, o grupo sem parceiro sente-se mais preterido, mais objetificado e mais acobertado do que os demais grupos, principalmente quando comparado com o grupo que possui parceiros brancos.

**Tabela 3**

*Comparações estatísticas de distribuição da EVRAS através de Testes t*

		Preterimento			Objetificação			Acobertamento			EVRAS total		
Grupos	n	t	M (DP)	Cohen's d	t	M (DP)	Cohen's d	t	M (DP)	Cohen's d	t	M (DP)	Cohen's d
Gênero	Feminino	336	30,71 (8,61)	0,32	3,60 9 <sup>a</sup>	23,3 0 (6,8 9)	0,44	4,52 7 <sup>a</sup>	17,92 (6,58)	0,52	3,85 2 <sup>a</sup>	71,95 (19,6 5)	0,47
	Masculino	100	27,82 (10,1 6)			20,1 9 (7,7 8)			14,52 (6,69)			62,53 (21,9 9)	
Orientaç ão Sexual	Não- heterossexu al	176	30,58 (8,28)	-	1,95 1	23,2 8 (6,8 8)	-	2,13 7 <sup>b</sup>	17,95 (6,17)	0,20	1,90 0	71,82 (18,6 3)	-

Nota: a = (< 0,001); b = (<0,05)

Fonte. Os autores.

## Discussão

No que tange o impacto do racismo nas relações afetivas e sexuais de pessoas pretas, observa-se que esse campo é tido como essencialmente algo da esfera privada, onde discussões acerca das dinâmicas relacionais só competem a quem está envolvido nesse tipo de interação. Contudo, tais prerrogativas protegem determinado grupo racial ao não discutirmos como os afetos e relações afetivas/sexuais são impregnadas pelo racismo no Brasil, dando potência a manutenção do *status quo*, que visa colocar o indivíduo preto no patamar em que não pode ser visto/a como alguém amável e digno de ser esposado/a.

A discussão acerca do impacto do racismo afetivo-sexual e afetivo na vida – seja em âmbito micro ou macro – da pessoa preta deve ser realizada com veemência, posto que o campo dos afetos se apresenta como âmbito inerente à existência de todo e qualquer ser humano, sendo o direito ao amor e a vivenciar uma relação afetiva de qualidade essencial para nós enquanto sujeitos (Rodrigues, 2017). Contar com uma medida que amplie essa discussão a nível teórico pode auxiliar em uma maior compreensão desse fenômeno.

Diante dessa premissa é necessário se estudar, pesquisar e debater o racismo afetivo-sexual (Callander et al., 2012; Han & Choi, 2018; Lima et al., 2022; Plummer 2007; Rodrigues, 2021; Thai, 2020) no contexto brasileiro, visto que a produção acerca do fenômeno se encontra em estágio embrionário, sendo discutido de forma esparsa e sem a devida atenção, principalmente no âmbito da psicologia. Para tanto, a concepção de um instrumento que vise operacionalizar o racismo afetivo-sexual e afetivo voltado para as dinâmicas raciais brasileiras se apresenta como algo necessário, visto que as relações afetivas e sexuais são permeadas por dinâmicas raciais e racistas, que impactam diretamente no modo como a pessoa preta se vê e é vista em sociedade,

trazendo à tona as expressões mais sutis do racismo brasileiro que se impregna e corrompe as mais diversificadas relações.

Nesse movimento de concepção da EVRAS, observou-se como as relações afetivas e sexuais quando interseccionadas com a “raça” ganham contornos densos. Denotando a relevância de se promover um debate mais urgente acerca do racismo afetivo-sexual e suas consequências na vida de pessoas pretas no país, considerado durante muito tempo, uma “democracia racial”. O exemplo perfeito de comunhão entre as “raças”, onde nessa, o sexo e o afeto não são vistos no mesmo patamar, pois corpos pretos podem ser aptos para o sexo, mas não para o afeto, sendo esse aspecto levado em consideração com bastante proeminência ao conceber o instrumento.

Diante das especificidades do fenômeno e sua complexidade teórica, a análise pormenorizada, bem como, a tentativa de transpor com primazia o racismo afetivo-sexual (e afetivo) para a realidade brasileira se mostra um movimento deveras árduo. A construção da medida levou em consideração a produção internacional produzida acerca do racismo afetivo-sexual, aportes teóricos que debatem a relação entre “raça”, afetividade e sexualidade, bem como, a vivência de um dos autores. Após esse movimento observou-se a necessidade de empreender o desenvolvimento de uma medida que pudesse aferir a vivência do racismo afetivo-sexual e afetivo na dinâmica brasileira, e propiciasse a discussão acerca dessa vertente do racismo de forma profícua.

A partir das análises fatoriais exploratórias (AFE) realizadas, a EVRAS mostrou-se uma medida relevante para a compreensão do construto proposto. A sua estrutura com três fatores apresentou aspectos específicos do fenômeno, mas que covariam entre si, denotando que a análise do objeto percorreu uma lógica consistente diante do que se preconiza teoricamente. Os três fatores (preterimento racial e afetivo, objetificação racial e acobertamento) se comunicam e propiciam a visualização do

*modus operandi* do racismo afetivo-sexual no nosso contexto, dando contorno a um modelo de funcionamento do construto. Em uma avaliação menos criteriosa, os itens excluídos poderiam ter sido mantidos, entretanto, objetivando a excelência do processo, facilidade de aplicação em conjunto com outros instrumentos e o respeito ao princípio da parcimônia, optou-se por um modelo com menos itens e com melhor representatividade dos fatores.

Os fatores da escala (Preterimento, Objetificação e Acorbamento) são representativos para a composição do racismo afetivo-sexual, posto que esses três aspectos se apresentam como componentes indissociáveis do fenômeno, bem como para a sua operacionalização. Essa dinâmica nos permite asseverar que o racismo afetivo-sexual é um fenômeno complexo, portanto, necessita de investigações analisando suas interações com outros fenômenos.

Por meio das correlações, observou-se que a EVRAS se relaciona com outros construtos escolhidos (autoestima, satisfação corporal e sofrimento psicológico), mesmo sendo correlações de magnitude fraca ou moderada. Denota-se que esse aspecto necessita de uma maior atenção, visto que esse modelo segue outros modelos empíricos similares (Bhambhani et al., 2019; Bhambhani et al., 2020; Thai, 2020) que intercalam a relação entre o racismo afetivo-sexual e o impacto na saúde física e mental de pessoas pretas. Contudo, é salutar mostrar a relação da EVRAS com as dinâmicas de gênero, levando em conta que mulheres pretas vivenciam e sentem de forma mais proeminente o racismo afetivo-sexual e afetivo. Esse dado nos permite fazer a junção da vivência do racismo afetivo-sexual com questões acerca da solidão da mulher preta (Pacheco, 2013) e o celibato compulsório (Berquó, 1986).

As evidências encontradas nesse estudo contribuem para a discussão das facetas que permeiam o racismo afetivo-sexual no Brasil, posto que o funcionamento do

fenômeno se apresenta de modo distinto na nossa realidade, sendo composto por nuances singulares no que tange a vivência do racismo afetivo-sexual por pessoas pretas no nosso país se comparado a outras realidades estudadas.

Outro aspecto visualizado nos dados encontrados, versa sobre o *modus operandi* das relações interracialias, em que pessoas pretas que se relacionam com brancas afirmam sentir menos os impactos da vivência do racismo afetivo-sexual, se comparadas com pessoas em relacionamentos racialmente endogâmicos e solteiras, nos levando a conjecturar o modo como o contato e vivência, principalmente, afetiva com membros de outros grupos raciais podem blindar e mascarar o funcionamento do racismo afetivo-sexual. Quando cruzados com a orientação sexual se percebe um maior impacto – não muito díspar – do fenômeno em pessoas não-heterossexuais se comparado com pessoas heterossexuais, trazendo à tona, a importância de estarmos atentos às interseccionalidades (Collins & Bilge, 2021) ao se estudar grupos minorizados. Tal achado expande a agenda de análises acerca do racismo afetivo-sexual para a realidade brasileira, indicando a necessidade de ativar e realizar entrecruzamentos com o intuito de aprofundar a análise do objeto.

Diante das análises empreendidas, observamos evidências de que em certo nível o racismo afetivo-sexual promove adoecimento psicológico e incide sob o modo como pessoas pretas vivenciam as suas relações afetivas e sexuais. Além disso, vimos a importância da interseccionalidade na compreensão do fenômeno, visto que o pertencimento a mais de uma minoria social, isto é, ser mulher e minoria sexual podem acentuar os efeitos nocivos do racismo afetivo-sexual.

Em suma, a EVRAS se concebe como uma medida com evidências iniciais consistentes de validade, e se mostra um instrumento promissor para aferir o racismo afetivo-sexual no Brasil, pois a escala intercala em sua composição aspectos que são

imperativos para a instauração do fenômeno, como também permite posterior discussão de outros fenômenos de exclusão (e.g. objetificação, animalização, desumanização, hipersexualização) de maneira mais profícua.

### **Conclusão**

Após o processo de construção e validação da EVRAS e seus resultados, é possível inferir que os objetivos foram alcançados na produção da medida. As evidências de validade encontradas (conteúdo, estrutura interna e de critério) corroboram e fortalecem essa afirmação. Por ser um estudo exploratório, várias questões emergem após a sua finalização, portanto faz-se necessário promover outros estudos a fim de explorar tais questões prementes e associações entre a EVRAS e outros construtos relacionados à saúde mental, desenvolvendo assim uma linha de pesquisa que enfoque no racismo afetivo-sexual e afetivo e sua intercalação com outros fenômenos, contextos e impactos nocivos desse fenômeno.

A amostra utilizada obteve uma heterogeneidade significativa diante das peculiaridades pertinentes ao estudo. O número amostral mostrou-se satisfatório e com uma distribuição geográfica, social e identitária diversificada. Diante da especificidade de ter sido aplicada somente a pessoas autodeclaradas pretas, a busca por essa população imputa ao contexto de pesquisa certa singularidade. No entanto, tal aspecto não impossibilita a ampliação da amostra com a avaliação de outras minorias étnico-raciais, para que se possa dar uma maior ênfase à expressão da vivência do racismo afetivo-sexual.

A pesquisa na modalidade online se mostrou satisfatória nesse tipo de estudo, posto que conseguiu atingir cenários e sujeitos dos mais diversificados extratos sociais. Entretanto, esse tipo de coleta mostra limitação diante da realidade social de pessoas

pretas menos abastadas, com pouco ou nenhum acesso à tecnologia e de menor nível de escolaridade, sendo tal aspecto uma das limitações deste estudo.

Ademais, conclui-se que a EVRAS foi construída de modo a respeitar a metodologia científica adequada, focando na vivência do racismo afetivo-sexual e os seus impactos nas relações de pessoas pretas. As evidências de validade obtidas incentivam o uso da escala, bem como, o planejamento de novos estudos sobre modelos explicativos. As questões abordadas por esse estudo precisam ser debatidas e pesquisadas de forma enfática pela psicologia social visto que o racismo afetivo-sexual impacta nas relações sociais e na saúde mental de maneira significativa, desencadeando sofrimento mental e exclusão. A agenda de pesquisas no campo das relações raciais precisa focar com maior veemência em contextos considerados micro ou macrosociais (e.g. relações afetivas e sexuais) visto que tais vivências propiciam exclusão e operacionalização do racismo em sua faceta sutil, mas não menos danosa.

A EVRAS contribui para o exercício e desenvolvimento dessa agenda fornecendo um instrumento adequado e pioneiro para que em futuras pesquisas se busque aferir a expressão do racismo afetivo-sexual; como também avaliar a vivência e os impactos em pessoas pretas, sendo uma medida consistente para ser utilizada em futuros estudos que visem teorizar e pesquisar sobre as dinâmicas inerentes a afetividade e relacionamentos entre pessoas pretas no Brasil; auxiliar em levantamento mais pormenorizados acerca do impacto do preterimento, objetificação e acobertamento na saúde mental em contextos clínicos. A medida desenvolvida nesse estudo pode trazer implicações teóricas e práticas relevantes para o campo científico, possibilitando uma integração com outras searas do conhecimento que prezam por se debruçar acerca das dinâmicas afetivas-sexuais no Brasil.

## Referências

- American Educational Research Association [AERA], American Psychological Association [APA], National Council on Measurement in Education [NCME] (2014). *Standards for educational and psychological testing*. American Educational Research Association.
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pólen Produção.
- Berquó, E. (1986). *Pirâmide da solidão*. Encontro Nacional de estudos Populacionais, 5.
- Bhambhani, Y., Flynn, M. K., Kellum, K. K., & Wilson, K. G. (2019). Examining sexual racism and body dissatisfaction among men of color who have sex with men: The moderating role of body image inflexibility. *Body Image*, 28, 142-148. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.01.007>
- Bhambhani, Y., Flynn, M. K., Kellum, K. K., & Wilson, K. G. (2020). The role of psychological flexibility as a mediator between experienced sexual racism and psychological distress among men of color who have sex with men. *Archives of Sexual Behavior*, 49, 711-720. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1269-5>
- Bhambhani, Y., Kellum, K. K., Bentley, J. P., & Wilson, K. G. (2021). Constructing a scale to measure sexual racism experienced by men of color who have sex with men. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/sgd0000526>
- Callander, D., Newman, C. E., & Holt, M. (2015). Is sexual racism really racism? Distinguishing attitudes toward sexual racism and generic racism among gay and bisexual men. *Archives of sexual behavior*, 44, 1991-2000. <https://doi.org/d10.1007/s10508-015-0487-3>
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo.

- Cruz, C. O. S. (2020). A Visão de Gilberto Freyre sobre as mulheres negras em Casa Grande & Senzala: um olhar crítico a partir da perspectiva negra. *Revista Textos Graduados*, 7(1), 37-46. <http://periodicos.unb.br>
- Dovidio, J. F., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V. M. (2010). Prejudice, stereotyping and discrimination: Theoretical and empirical overview. *Prejudice, stereotyping and discrimination*, 3-28.
- Fontes, M. L., & Pacheco, A. C. L. (2022). Mulheres racializadas no sul da Bahia: Mapeando colonialidades de gênero, raça/etnia e sexualidade. *Em Tese*, 19(1), 67-86. <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2022.e83023>
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of women quarterly*, 21(2), 173-206. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x>
- Han, C. S., & Choi, K. H. (2018). Very few people say “No Whites”: Gay men of color and the racial politics of desire. *Sociological Spectrum*, 38(3), 145-161. <https://doi.org/10.1080/02732173.2018.1469444>
- Hidalgo, M. A., Layland, E., Kubicek, K., & Kipke, M. (2020). Sexual racism, psychological symptoms, and mindfulness among ethnically/racially diverse young men who have sex with men: A moderation analysis. *Mindfulness*, 11, 452-461. <https://doi.org/10.1007/s12671-019-01278-5>
- Hirata, E., & Pilati, R. (2010). Desenvolvimento e validação preliminar da Escala Situacional de Satisfação Corporal-ESSC. *Psico-USF*, 15, 1-11. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000100002>
- Hordge-Freeman, E. (2015). *The color of love: Racial features, stigma, and socialization in black Brazilian families*. University of Texas Press.

- Hoyt Jr, C. (2012). The pedagogy of the meaning of racism: Reconciling a discordant discourse. *Social work, 57*(3), 225-234. <https://doi.org/10.1093/sw/sws009>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliacao Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment, 10*(1), 41-49.  
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6674919.pdf>
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia, 9*, 401-411. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lima, M. E. O., Rodrigues, H. dos S., & Santos, E. V. (2022). Sexual Racism in Brazil: Aesthetic Preference, Beauty Models and Stereotypes. *Trends in Psychology, 30*(3), 480-496. <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00128-5>
- Mizael, T. M., de Castro, M. S. L. B., & Dittrich, A. (2021). Uma interpretação analítico-comportamental do colorismo e de suas implicações clínicas. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento, 29*(4), 65-81.
- Moutinho, L. (2004). *Razão, " cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais" inter-raciais" no Brasil e na África do Sul.* Unesp.
- Pacheco, A. C. L. (2013). *Mulher negra: afetividade e solidão.* Edufba.
- Paranhos, M. A. V., & Nery, M. S. (2020). Os usos sociais dos aplicativos de relacionamento: intersecções entre gênero, sexualidade e raça no Recôncavo Baiano. *Cadernos de Gênero e Diversidade, 6*(4), 200-227.  
<https://doi.org/10.9771/cgd.v6i4.37509>

Pereira, A., Oliveira, C. A., Bártolo, A., Monteiro, S., Vagos, P., & Jardim, J. (2019).

Confiabilidade e estrutura fatorial da Escala de Distress Psicológico de Kessler de 10 itens (K10) entre adultos portugueses. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 729-736. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018243.06322017>

Pinho, O. (2008). Relações raciais e sexualidade. In A. O. Pinho-Sansone, & L. Sansone (Eds.), *Raça: novas perspectivas antropológicas* (pp. 257-283). EDUFBA.

Plummer, M. D. (2007). *Sexual racism in gay communities: Negotiating the ethnosexual marketplace* [Doctoral dissertation, University of Washington]. Repository. <http://hdl.handle.net/1773/9181>

Rodrigues, A. D. M. (2017). *Racismo, Memória e Afeto: Situações de Desamor*.

[https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/176923/Resumo\\_54344.pdf?sequence=1](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/176923/Resumo_54344.pdf?sequence=1)

Rodrigues, H. dos S. (2021). Racismo afetivo-sexual e Afetivo e Homossexualidade: A quem pertence o corpo do homem negro gay? In M. M. Ramos, & E. Cerqueira-Santos (Eds.), *Psicologia & Sexualidade: Diversidade Sexual* (pp. 269-286). Dialética.

Rodrigues, H dos S., Sacramento, D. B., Aragão, V. G. O., & Lima, M. E. O. (no prelo) Racismo Afetivo-Sexual e o Preterimento da Mulher Preta: O amor tem cor? *Revista Conhecimento Online*.

Simões, J. A., França, I. L., & Macedo, M. (2010). Jeitos de corpo: Cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos pagu*, (35) 37-78. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000200003>

Thai, M., Stainer, M. J., & Barlow, F. K. (2019). The “preference” paradox: Disclosing racial preferences in attraction is considered racist even by people who overtly

claim it is not. *Journal of Experimental Social Psychology*, 83, 70-77.

<https://doi.org/10.1016/j.jesp.2019.03.004>

Thai, M. (2020). Sexual racism is associated with lower self-esteem and life satisfaction

in men who have sex with men. *Archives of Sexual Behavior*, 49(1), 347-353.

<https://doi.org/10.1007/s10508-019-1456-z>

Wade, R. M., & Harper, G. W. (2021). Toward a multidimensional construct of

racialized sexual discrimination (RSD): Implications for scale development.

*Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 8(4), 401.

<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/sgd0000443>

Wade, R. M., & Pear, M. M. (2022). Online dating and mental health among young

sexual minority Black men: is ethnic identity protective in the face of sexual

racism? *International journal of environmental research and public health*,

19(21), 14263. <https://doi.org/10.3390/ijerph192114263>

Zamora, M. H. R. N. (2012). Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. *Fractal:*

*Revista de Psicologia*, 24, 563-578. <https://doi.org/10.1590/S1984->

02922012000300009